



2018/12/26

Mattis e a nova ordem internacional

Alexandre Reis Rodrigues

Ouve-se dizer, com frequência, que a atual ordem internacional está em plena mudança e que o principal responsável pela preocupante situação que se prevê para o futuro próximo é o atual Presidente dos EUA. Trump, de facto, foi eleito sob a promessa de que a iria alterar, alegando como justificação que não servia os interesses americanos. Assim nasceu a ideia resumida no lema "America First". Veremos que o que se diz não é exatamente assim, embora tenha partes de verdade. Trump não foi o iniciador da mudança - que, aliás, começou bem antes de ser eleito -, mas é o responsável pelo desfecho perigoso para que o processo se encaminha.



Segundo o entendimento mais comum, quando se fala em ordem internacional estamos a referir-nos à situação resultante da forma como o poder está distribuído no mundo e ao sistema de regras e normas que foram sendo estabelecidas para regular o relacionamento entre as potências. Como em anteriores ocasiões, decorre segundo um processo lento que acompanha as movimentações de ascensão e queda das grandes potências e, sobretudo, na forma como tencionam usar o seu poder fora das suas fronteiras.

A atual mudança não é uma situação inesperada na medida em que já se calculava que o momento unipolar - com os EUA como a potência hegemónica - que se viveu após o fim da Guerra Fria, iria ser ativamente contestado pelas potências que não se conformassem com esse desfecho. Nomeadamente, a Rússia e a China, logo que reunissem as necessárias condições, económicas e políticas.

Procurou-se evitar esse possível final com tentativas de integração da Rússia no sistema criado pelos EUA e Ocidente em geral, mas nunca chegou a ser conseguida uma resposta positiva de Moscovo, que encarou certas medidas - em especial, o alargamento da NATO - como contrárias aos seus interesses. O mesmo aconteceu com a China que, como a Rússia, encara as tentativas de alargamento da ordem liberal do Ocidente, uma ameaça ao modelo de liderança autoritária que continua a adotar. Afinal, não estavam certos todos os que acreditaram que, pelo menos em questões básicas, haveria uma convergência. Não houve, nem se prevê que venha a ver.

Com a recusa de Pequim e de Moscovo a qualquer processo de convergência, o regresso a uma competição e rivalidades tornou-se difícil de evitar, mas a forma que assumirá o seu desfecho permanece em aberto. Richard Haass caracteriza a situação como uma combinação de boas e más notícias. Boas, porque, apesar de todos os sinais preocupantes, continua-se longe de uma crise inevitável. Más, porque nada nos garante que se conseguirá evitar uma crise séria, mais tarde ou mais cedo. Muito dependerá da forma como os EUA consigam gerir a evolução da situação.

Já se sabe, há bastante tempo, que teria que haver mudanças, pelas razões acima apontadas, e pela necessidade de corrigir excessos de intervencionismo, em nome da defesa da democracia e dos direitos humanos que, então, a presidência americana (Bush) considerava a chave da paz e estabilidade do mundo, mas que acabaram por ser contraproduativos e afetar a credibilidade dos EUA.

O processo de correção dessa política iniciou-se com o Presidente Obama (“*Strategic Restraint*”), mas sob o cuidado de não pôr em causa, de forma radical, a ordem mundial. Trump dá continuidade à postura de retraimento¹ mas segue um caminho drasticamente diferente (“*America First*”), que tem sido interpretado como o abdicar do papel de liderança mundial, em que assentou a ordem que os seus antecessores criaram. As decisões que, entretanto, foi tomando, apenas estão a acelerar o processo, num caminho tumultuoso que perturba muitos, quer internamente nos EUA, quer, em geral, entre todos os aliados.

Percebe-se que, perante as reduzidas hipóteses de levar a Rússia e China a entrar num processo de convergência, adotando um modelo social mais semelhante ao ocidental, tenha deixado de fazer sentido continuar a **promover** – como grande objetivo – a ordem internacional liberal. O que não se percebe, porém, é que – em alternativa – os EUA não se empenhem em **defender** o modelo ocidental de intromissões contrárias e não procurem conjugar os seus esforços com os dos aliados na proteção de uma sociedade livre, aberta e baseada no respeito pela lei.

James Mattis, na carta com o pedido de demissão do cargo de secretário da Defesa, é arrasador na crítica que faz ao Presidente precisamente sobre o ponto atrás referido:

«I believe we must be resolute and unambiguous in our approach to those countries whose strategic interests are increasingly in tension with ours. It is clear that China and Russia, for example, want to shape a world consistent with their authoritarian model—gaining veto authority over other nations’ economic, diplomatic, and security decisions—to promote their own interests at the expense of their neighbors, America and our allies. That is why we must use all the tools of American power to provide for the common defense.

My views on treating allies with respect and also being clear-eyed about both malign actors and strategic competitors are strongly held and informed by over four decades of immersion in these issues. We must do everything possible to advance an international order that is most conducive to our security, prosperity and values, and we are strengthened in this effort by the solidarity of our alliances.

«One core belief I have always held is that our strength as a nation is inextricably linked to the strength of our unique and comprehensive system of alliances and partnerships. While the US remains the indispensable nation in the free world, we cannot protect our interests or serve that role effectively without maintaining strong alliances and showing respect to those allies. Like you, I have said from the beginning that the armed forces of the United States should not be the policeman of the world. Instead, we must use all tools of American power to provide for the common defense, including providing effective leadership to our alliances. NATO’s 29 democracies demonstrated that strength in their commitment to fighting alongside us following the 9-11 attack on America. The Defeat-ISIS coalition of 74 nations is further proof.

A propósito desta mudança na hierarquia de topo da administração de Trump – a 28ª – o Senador Ben Sasse, do Partido Republicano, diz o seguinte:

«a sad day for America because Secretary Mattis was giving advice the president needs to hear.»

Bem poderíamos acrescentar que foi também um dia triste para a Europa e, em geral, para os que precisam de ajuda para manter uma ordem internacional liberal.

¹ «Despite their significant differences, Barak Obama and Donald Trump both understood that the American people wanted to pull back, do less, and have other nations share more of the burden» (Robert Kagan)